

R O S A
DA
ESPERANÇA

BANDEIRA TRIBUZI

ROSA
DA
ESPERANÇA

ORFEU
RIO DE JANEIRO
1950

Tiraram-se, fora de comércio, vinte exemplares em papel especial, numerado de 1 a 15 e A a E, assinados pelo autor.

CANCIONEIRO

FLOR DE PEDRA

O MUNDO é flor de pedra! (O tempo escorre
sôbre nós lentamente um rio grosso
de pesadelo, doenças, pensamentos
desencontrados, destinos invertidos.

Canta sonoro o timbre das moedas,
tentação da cidade e sua lepra,
porém os pequeninos homens teimam
em existir e a vida se conserva.

Pobre pequena vida permitida:
sono, alimento, trabalho, sexo, sono,
fome, abandono, desespero, raiva.)

Ventos que nascem na raiz da vida,
tangendo a fria flor de encantamento,
tecem poderes de desencantá-la.

ARTE POÉTICA

DO PENSAMENTO e dos sentidos
flui o rio dos poemas.
O punhal da inteligência
vibra tenso no alvo.
O fio de sangue que brota
é emoção colorida e pura,
rubra chama em que se queima
o coração apunhalado.
Fria
lâmina de punhal cravado,
a razão ordena
o que a emoção incendeia.
No papel impresso, o poema
pensa emoções e sente idéias.

EXERCÍCIO MARÍTIMO

A Fernando Fererira de Loanda

I

A PALAVRA mar,
em lenta pronúncia,
úmida, fria, amarga.
Depois pensar no corpo
de marinheiros, em histórias
de infância, cartões
ilustrados, recordação de praias,
vistas e pensadas.
Gôsto de sal nos lábios:
eis construída
a paisagem. Coloquemos
nela um barco. O vento
(êste vento real
que agita os cabelos)
continuará o exercício
impelindo o sonho
e a viagem.

9

II

Distante do mar,
sem cais nem velas,
o bar tem âncoras
e, leve, ondeia.
Está no pôrto
que pensamos
flutuando em
o centro da noite.
Sobe a canção,
melodia úmida,
música de peixes
deslizando entre
algas. Estranho
rumor de vagas
nos adormece.

Só uma ponta
de consciência
nos diz que somos
num bar, distante
de cais e velas.

Dois marinheiros
que não conversam,
fumam e bebem
naquela mesa.
Dêles construimos
tôda a paisagem,
o pôrto, o barco
e nêle estarmos.

O SONO

O PENSAMENTO frio
se recorre do sono
e as mãos se equilibram
ao longo do corpo.
As pernas esquecem
fatais movimentos.
A boca se fecha:
túmulo de palavras.
Os olhos repousam
em dimensões outras
e os ouvidos vibram
de internos vocábulos.
Na cabeça leve
contra o travesseiro
músicas de idéias
se acendem e apagam.
Dos rins às artérias
se processa a química
constância de vida.

HISTÓRIA

A MOÇA limita-se ao ofício.
O moço sequer sabe da moça.
Porém a vida acredita
em ambos.

De comum, aparentemente
existe apenas a cidade.
(A cidade não vem ao caso:
pequena? grande? aqui? na China?).

E como a vida tem raízes
e particular interêsse,
vai suceder alguma coisa
na história dos mencionados.

Alguma coisa, talvez mínima:
queda de embrulho, apêrto de transporte.
Depois os fatos inevitáveis
à consumação requerida.

A moça já ilimitada.
O moço sabendo agora da moça.
(No meio a vida com suas tramas.)
Amanhã casam.

Arquivo B 1

SEGUNDA CANÇÃO DA PRAIA

NA praia passeiam
corpos multiformes,
claros, sem estigma,
onde o sol demora.
A nudez intriga
areia e água.
Talvez um pássaro,
inútil e sonoro,
flutua no ar já
marítimo e
os sexos levemente
cobertos desafiam.
Mãos úmidas cruzam-se
no intervalo fluido
onde corpos conversam
livres e completos.
Beijos submarinos
deslizam no sal
para outras bôcas.

Uma secreta
fôrça de vida,
festejada de
côres ruidosas,
ondula fértil
enquanto a bola
salta e disfarça.

SONETO CORPORAL

NESTA manhã, que o sol torna madura,
o vento forte passa contra a vida.
Leve, o rumor das águas tudo banha
e a música das côres vem subindo.

De pé no campó, como se crescera
dê'e também, um corpo de homem está
com sua carne morena e a cabeça
coroadada de cabelo e pensamentos.

Junto de si a companheira guarda
a cadeia da vida. Suas curvas
são convite à carícia e profecia.

E o sol, que amadurece esta paisagem,
vai desatando a vida que o aguarda
ao mesmo tempo que desata o dia.

SONETO LÍRICO

DA vida desconheço o quanto basta.
De ti não sei se existes, muito embora,
os sentidos proclamem o contato
de um ser sem barba, árvore de delírios.

Com certa ingenuidade reconstruo
a vida que se excede de malícia.
Depois, apaixonado, deposito
o fruto de pensar em tuas mãos.

Ó mãos felizes que transportam, mínima,
tanta soma de vida! Ó vida tanta
em tão pequenas mãos bem protegida!

Ó fruto de pensar em que balança a
seiva de ingenuidade e de malícia,
com tudo o que lhe empresto de paixão.

FIM DE CONCERTO

CESSA o canto na bôca, que ainda guarda
leves sombras de som nas comissuras.
O piano se despiu de mãos sapientes
e fecha-se em mudez de branco e prêto.

A estátua do maestro fica prêsa
no último compasso ainda presente,
e os ouvidos da orquestra e circunstantes
em tórno de Beethoven se contorcem.

Suspensos no intervalo que ao aplauso
conduz a comoção do que escutamos:
semideuses baixando a criaturas,

no salão que reside em sonho ou quase,
escoltados de ritmo e de espanto,
flutuamos entre o trânsito e a música.

A M E S A

A MESA tem somente o que precisa para estar, circundada de cadeiras, fazendo parte da vida familiar entre alimentos, flores e conversa.

Escura mesa gravemente muda que, parecendo alheia a quanto a cerca, encerra no silêncio tôda a ciência da idade desdobrando gerações.

Olho de cerne, comovido e frio!
Indiferente coração parado
entre o grito infantil e o olhar cansado.

Mistério de madeira rodeado
por cadeiras, lembranças, utensílios,
e um leve odor de tempo alimentício.

SONETO ABSTRATO

SE o concreto alicerce da ternura,
plantado na coluna de teus seios,
fôsse líquido entre teus braços, remos
na inconsútil baía de teus beijos.

Se o rubor se infiltrasse de sorriso
e o brando Não abrisse a porta ao Templo,
franjada enfim a vida de outro tempo
e a saudade de tua virgindade

feita alga ao tanger da novidade,
ricos até daquilo que não temos,
veríamos tombar, d'Aquela altura

até ao fundo frio, a fria túnica
da falsa impuberdade:
brancos à flor da água como nuvens!

A PORTA ESTREITA

ENTRE estar vivo e a morte
um interstício apenas, porém se
do próprio sono limitado ao permanente
é tão profundo o limiar de incógnita!

Como saber no emaranhado
de voz, silêncio, gesto e rigidez,
o tempo inicial da irrevertível
ausência e o derradeiro arfar do peito?

Como saber onde começa o adeus,
onde parou o olhar, onde os ouvidos
desceram véus imateriais ou quando

os sentidos, ornados de indiferença,
caminham já na outra margem frios
a êste rumor de vida que não cessa?

NOVO SONETO LÍRICO

TUA presença junto a mim é, como
a passagem do vento pelas árvores,
a pacífica paz do rio lento
e a alegria de pássaros cantando.

Tua presença em mim é o tempo justo.
O tempo das palavras encontradas,
de gestos novamente descobertos,
da recuperação de macho e fêmea.

Tua presença em mim promove salmos.
Enche de azul a paz da noite próxima.
Desata a obscura ciência do corpo.

Quando porém te afundas na distância
sinto que, náufrago, fendo as frias águas
e úmida cai a música dos sinos.

RETRATO DO PINTOR CADMO

SITUADO entre o vago, o verde e a vida,
nenhuma luz fitícia o estonteia.
O seu país ergue-se sem fronteiras
onde a raiz de ser tão só domina.

Quase-Quixote, sem alarde, rima
o ofício, a isenção e o devaneio.
Grande toreador das rudes tintas
a quem o touro se entregou de joelhos.

Onde estiver está silêncio e fôrça,
côr, geometria, ritmo, desenho,
e olhar de míope sôbre o que aparece.

No campo do inconcreto corre a corça e
semeia no caminho o que reveste:
sexo, nervos e ruminar de engenho.

BALADA DO MARINHEIRO

A Gasparino Damata

MARINHEIRO sendo apenas navego.
Recolho paisagens e semeio filhos.
Sou para o mar o que é a margem
para o rio.

Não mancham lágrimas a face salgada
mas de gôsto, côr, som marítimos.
Sonhos de meus olhos só navio e águas.
Meus filhos sem pai serão bem meus filhos.

Marinheiro sendo apenas navego e
descubro sereias, não imaginárias
mas corpos de ter bem junto do sexo,
brancas sim mas de carne melhor que sonhada.

Em Deus creio — se creio — porém de um modo
diverso de como o costumam pensar:
alguma coisa de forte e concreto,
distante e certo, feito de noite e mar.

O mêdo me ignora. Navego, navego.
Mesmo pôsto em terra permaneço úmido.
Com álcool, mulheres e navalhadas
em nevoeiro me situo e flutuo.

Descobri paragens talvez por descuido,
talvez por instinto ou conhecimento,
e ainda hoje em cada ilha descubro
estas saudades liquifeitas que apascento.

Marinheiro sendo navego até quando
meu sólido corpo descansar gelado
e então deslizarei imponderável, químico, transposto
em alga verde e para sempre salgado.

Flutuarei ainda, sombra de corpo úmido,
nas mãos de estranha e inconcreta vida,
passeando entre peixes, naus, virgens, companheiros,
no médio espaço de areia branca e nuvem refletida.

CONSIDERAÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Não eu, porém olhando-me a mim próprio
na clara contra-face do espelho,
hoje que o calendário me situa
entre os 22 anos contra mim
e meus 22 anos contra o mundo.
Não eu, dizia, olho meus próprios olhos
com a ciência do que neles sei.
Vejo meu próprio corpo a mim externo,
belo corpo de usar-se, edifício
de recém-concluída consistência.
Estudo a rebeldia dos cabelos
e a carnação azul da barba séria:
aviso de falida juventude.
Um sentimento de ode e elegia,
uma doce saudade, pura lágrima,
pequena comoção, triste sorriso
para os dias passados, não perdidos —
— duramente jamais recuperáveis.
Um sentimento de ode e elegia
pela presença de meu corpo vivo,

não grego, todavia concluído
com fundas marcas de 22 anos
Vontade de cantar sem continência
desentranhando tôda esta alegria
que agita o corpo como agudos sinos
e pássaros rasgando o mar da tarde.
Quente desejo da mulher amada
nascendo da raiz do homem pronto,
sabedoria da carne, melodia
dos desatados rios corporais.
E a grande comoção multiplicada
de ser, entre inumeráveis companheiros,
um homem pequenino, desdenhável,
resto de divisão e não obstante
útil pedra na catedral dos homens.
Me sinto súbitamente povoado
por longos sentimentos de raízes,
soma de proporções, familiares,
distância incalculável da matriz.
Me sinto vegetal e sinto a terra
a consubstanciar-se com meus ossos.
Claras águas me banham todo o corpo
alegre como campo em julho e agosto.
E nem eu sei que enigmas se concentram
junto da face que o espelho fixa,
nem os olhos decifram o futuro
porque as linhas da mão aqui se truncam.

Apenas, como túneis, são obscuro
caminhõ no fundo do qual as velas
pandas do pensamento a vida rompem.
Um sentimento de ode e elegia
cobre os 22 anos que completo:
rude sabor de vinho e de coragem,
oceano de rosas e papoulas.

CANTO NUPCIAL

MAIS algum tempo será necessário
antes que eu obtenha a solidez de pedra,
de fruto caído da árvore — coração concluído.
Mais algum tempo, um pouco mais de experiência
antes que o peito seja rocha forte
e o corpo adquira solidez de floresta.
Ainda não me conheço o homem completo.
Dias me roçarão com sua carga
de amarga sabedoria e de silêncio,
o vinho das noites fortificará minha carne,
meu braço se solidificará, minha bôca terá mais ternura.
Amigos chegarão com sua sombra magnífica,
amigos dirão adeus até breve ou jamais.
Terei de ver ainda outras paisagens,
pousar meus olhos em côres, na fria rigidez mineral,
olhar os animais parindo, as plantas rasgando o campo.
Preciso de
deambular
por cais e ruas.
Conhecer cidades.

Ver os navios
se afastando
e uma saudade
que não é de amigos
nem de parentes
subindo aos olhos.
Sentir a injustiça
e o anel da miséria
se fechando em tórno
de crianças rôtas.
Ainda me faltam
viagens marítimas
e contato de água.
Corpo flutuando
vizinho de peixes.
Um gôsto de sal
e úmida alegria.
Deverei ainda
dormir à sombra
de grandes árvores
em noites de espanto,
próximas do mêdo,
do frio silêncio,
da paz intangível
e despertar com
o mundo vegetal
e as aves roçando
meus ombros materiais,

sentindo-me pedra,
ondular de trigo,
carne de madeira.
Precisarei de
ouvir gritos longínquos
na planície inumerável.
Gritos de despêro,
de alegria, de pasmo,
de agonia, de parto,
de gôzo sexual.
Escutarei palavras
de ódio e esperança,
de adeus e sapiência,
de consôlo, de amor.

Mais algum tempo será necessário.

Sòmente quando
me sentir maduro:
um gôsto de mundo
no olhar e palavra,
um gôsto de terra,
de sal, de madeira,
de homem concluído,
de vegetal e pássaro,
de fôrça marítima
no tato, no olhar,
na carne, nos lábios, —
eu te entregarei

não apenas êste
canto nupcial
mas o corpo de homem
bom para teu corpo
de mulher. Só quando
a bôca destilar um
mel de sentimentos
definitivos
te possuirei
como grande vento
contorcendo árvores,
despertando pássaros,
movendo raizes.

ITINERÁRIO DO CORPO

A Afonso Felix de Sousa

I

O PEQUENO lugar predestinado:
cama — lençóis, colchão e travesseiro:
Objetos banais pousados sôbre
a armação de madeira para dois.

Pequeno apartamento de cidade!
Pequenos corpos e cansados despem-se,
despem roupas, sapatos, conveniências
à pequenina luz que afaga as coisas.

Estão nus, lado a lado, sôbre o leito
e se entrelaçam para desafôgo
de raivas, lutas, ilusões, sentidos.

Talvez não saibam porque assim se prendem,
mas, no sagrado ventre maternal
já cantam sinos pelo novo filho!

II

ENTRE o campo de neve a vida fende-se
bàrbaramente, para dar passagem
à colheita que vem sem estações:
bicho da terra que se chama homem.

Nove meses guardado e construído
com silêncio, carne, sangue e esperança,
ei-lo que rasga o ovo e se apresenta
disforme, placentário, precioso.

Ela está como o campo após a ceifa.
De seus peitos já mana o claro líquido
onde a vida se coa como em filtro.

Olha o pequeno corpo que se deita
a seu lado, entre o sonho e a realidade,
e, brandamente, diz apenas: — Filho!

Arguino B.T

III

INFÂNCIA triste, tempo de castigos
e doces ilusões mas sem brinquedo
que teus olhos encontram nas vitrines
e tua débil mão jamais alcança.

Porém o corpo vai rompendo elástico
pesar do tempo amargo em que floriste.
Teus olhos já se pousam sôbre a vida
embora ignorando-lhe a inocência.

Assim, surgindo vens dos alimentos,
cuidados e remédios e o alicerce
de sapiência que são letra e número.

Assim te formas resumido corpo
que será de homem e continuará
brincando em nova trágica maneira.

IV

RESIDES entre o sonho e coisas ásperas,
a confusão do tráfico e a rosa,
a escola, o emprêgo, o livro clandestino,
a refeição modesta, o sono limitado.

Teu corpo é apenas máquina de sexo
e coração: tôda a razão de ser
está na amada, amada inconsistente:
olhos, cabelos, seios, agressivos

sòmente, mas tu a colocas lá
bem no centro do mundo e lhe declamas
baladas, vossos corpos se aproximam.

Entre comícios, agressões, revoltas,
pressa, atenção, estudo, devaneio,
estás defronte ao mundo e interrogas.

V

A RESPOSTA és tu mesmo: corpo de homem,
o sentimento e pensamento de homem,
passo seguro de homem, ombros de homem,
bôca, face, palavra e gestos de homem.

O que sabes do mundo! Gestos mágicos
te multiplicam ao calor dos corpos.
Uma coragem funda, o olhar sábio,
avanças com o tempo e o constróis.

A noite existe — não a de carícias,
de sono leve, corpos repousando —
noite pesando sôbre cada coisa.

Avanças bloqueado pela Noite
(há muitos, muitos corpos avançando)
e teus passos vão dar na madrugada.

VI

És fogo que se apaga lentamente.
Folhas que vão tombando despem a árvore.
Árvore a quem a seiva foi faltando,
tua missão se acaba e envelheces.

Teus olhos já cansados de aprender
formas, gestos e a grande côr do mundo.
Tua bôca já cansada de alimentos,
de beijos, de palavras, de protesto.

Outros vêm substituir tua coragem
com novos braços para a mesma luta,
e passos fortes para o mesmo fim.

Tua hora vem chegando necessária.
O corpo se dissipa. Tua passagem
não terá vermes para devorá-la.



FLOR DE PEDRA

MCMXLVIII

O TEMPO das meninas bonitinhas
se aproveita de tranças e gardênias
e o automóvel resolve, involuntário,
problemas que vão dar ao suicídio.

Os filhos de família vão gastando,
com furor, êste, quase exausto, tempo
de lucro, caridade, cerimônia e
pão concentrado para certas bôcas.

Vai-se acabando o tempo da homenagem
e o turvo rio sujo do negócio
desliza menos fértil e já com
presença de mau hálito e detritos.

A família resiste entre doenças,
a indigestão e o estômago vazio
e o povo vai guardando o grito forte,
comprimido entre o mêdo e a esperança.

Ninguém pensa em viver. Dificuldades
engolem o país do sonho e a rosa.
Limitados de urgência e circunstância,
viajamos entre o ofício e a distração.

Pequenos problemas se complicam.
Dores comuns se fecham em cadeia
e paira sôbre as casas, sôbre as ruas,
um múltiplo rumor unificado.

O apêrto de mão ganha importância.
Ninguém pensa em viver — pensa em ficar.
Em continuar estando, embora sendo
entre o muro, a impotência e a madrugada.

PARÁBOLA

A PRINCESA sai de casa,
absurdamente descalça.
O seu jardim limitado
já nenhum prazer lhe dava.
Em seu palácio a prendiam,
de esplendor a sitiavam;
de vestidos a cingiam,
sua beleza esmagavam;
seus pormenores continham,
seus olhos policiavam;
suas palavras mediam,
seu sorriso estimulavam;
seu corpo todo possuíam,
e o sexo predestinavam,
mas a princesa vadia
não quis ficar onde estava:
seus altos, floridos muros,
brandamente asfixiavam,
por isso foge de casa
absurdamente descalça.

DESASTRE

SUMO de vida,
mancha a rua
o sangue desprendido — talvez inútil.
(Depois do ofício, da carteira,
do pequeno amor, da conformação, da conversa,
do café cotidiano, do cigarro oportuno;
precisamente na hora de voltar para casa,
doce carícia de alimentos, futuro sangue de idéias;
na hora de dizer adeus com a mínima saudade;
da leve comoção, pequenino crepúsculo,
um êrro vulgar provocado por que insônias?,
a tentativa de escapar — inútil,
e a morte brutal entre o aço e o asfalto).
Notícia de jornal, um bolo frio
se espreme sob as patas da mecânica.
— Pós-homem adeus,
jamais sentirás a ternura do bolo alimentar.

O INTERVALO

A FESTA jaz cercada de fantasmas.

O sorriso, a curvatura, a gentileza,
o monóculo, a bengala, o pince-nez
adormeceram entre naftalina.

O vento varre outonos de bom-tom
e apaga o último charuto fino.

O amor tornou-se curto e não desliza
entre jardins, perfumes, galanteios.

Corrido o pano sôbre o fim da peça,
o público dispersa dividido
em opiniões de tragédia e de comédia.

O intervalo se agita de murmúrios.
E alguns sentem gerar-se a madrugada
nas esquinas da noite e do silêncio.

A G O R A

ENTRE a hora da morte e estarmos sendo isto que somos' (apenas homens ou um pouco menos, um pouco mais conforme assim nos determinam razões fundas)

vamos vivendo à sombra pressentida do tempo ainda futuro e já presente cujo ignoramos forma, côr e gênero, se consistente ou efêmero, sabemos que

se formará de um grito rude e obscuro que aguarda tão somente aquela hora para ser rio turvo de placenta

e matriz. Essa esperança nos vai dando raiz para estar sendo, mastigando o rude pão para a mais rude fome.

A B Ô C A

BÔCA idêntica de carne, com raízes
comuns de humanidade e utilíssima
para o beijo, a palavra, a compressão
de cólera, de insulto e violência.

Penitência dé idéias incompletas
ou rio sôbre o campo do perfeito.
pensamento fluindo transparente
entre objetos: língua, lábios, dentes.

Bôca perfeita mas atrofiada
pelo não-uso e o hábito de fome
e a falta de razões para cantar.

Sem gôsto, sem trejeito, sem sorriso.
Simples necessidade de feição
em corpo frio e cérebro parado.

LAMENTAÇÃO DO QUASE EX-PRÍNCIPE

MENINO sou do tempo que se acaba
e, conseqüentemente, sou aquê
para quem tudo que de novo venha
recorda o anterior que mais amava.

Sou filho do ruído das palavras
de que abusava para, sem sentido,
me ver de côres vivas revestido.
Não ter lugar real facilitava

o meu estar entre diversas fôrças,
neutro. Menos a idéia que o proveito
exerci. Filho do tempo e inculpável,

sempre exaltei gratuitas circunstâncias.
Não sei se me defendo, se me odeio,
se iludo o meu saber-me e odiar-me.

RETRATO DE SANCHO PANÇA

DEMASIADO físico, não temo
razões de morte para breve. Físico
em demasia, desconheço quanto
transcenda esta raiz de contingente.

Adoro Deus se a fome não me aflige
e minha pátria se resume em ventre.
Amo esta vida exterior e apenas
odeio a flor fanada inteligência.

De ontem conservo o horror ao que é incômodo
e o sadismo de tudo que é sensível.
De hoje aproveito um pássaro na mão.

E àqueles que ainda teimam em não ser
apenas isto que sou dou-lhes desprezo.
Sou apenas volume, gôsto e pêso.

BALADA DO COBRADOR DE BONDE

C OBRADOR de bonde sou.
Não sei que oculto destino
a isto ser me chamou.
Sei que meu pai não queria,
meu pobre pai sonhador.
Deus, se havia não ouvia
o bicho que arquitetou,
e a vida me compelia
a Luciano cobrador.
Não sou infeliz: viajo
como ninguém viajou.
Objeto de cobrança,
sem nome, pendente vou
em meu equilíbrio instável
a que o corpo se habituou.
Atentamente circulo
onde o engenheiro traçou
a estrada de paralelas.
Viajo como pastor
do rebanho de apressados.

Minha farda, já sem côr,
me nomeia comandante
do navio em terra pôsto.
Fome demais não suporto,
muitos a sofrem pior.
Mulher tenho para o sexo
e um tanto ou quanto de amor.
E embora a vida me seja
o que acima se contou,
sei que melhor vida existe
e quero vida melhor!

Cobrador de bonde sou.

BALADA DO VAGABUNDO

Eu, que sou homem à toa
no fim de mundo que somos,
sinto também na garganta
um grito que é de nós todos,
e aguarda rosa da esperança
que florirá de algum modo.
Quando vou correndo ruas
entre as espadas da fome
(meu corpo contrariado
doendo em todos os olhos),
triste caminho sem rumo,
quarto fechado das horas,
despetalada manhã,
truncado destino roto,
com a amargura nos lábios
e o sal de lágrimas frias,
mãos apertadas nos bolsos
presas de raiva contida;
fios de sangue no olhar
côr do ódio sem medida:

não recebo uma palavra
que tenha gosto de vida.
Pedras me jogam as bôcas
contra esta carne ferida;
desprêzo me dão em salvas
de ironia guarnecidas
e me jogam seu orgulho,
fatal veneno de víboras.
Porém a noite fechada
desce em mim como um soluço,
minhas tristezas acendem
no céu estrelas sem número
e uma profunda inocência
inventa em mim outros dias
com rebanhos de alegria
pastando uma sinfonia.

CANÇÃO

LENTO,
o vento
ondeia a seara
sem
saber
o que embalando emalara.
Lento
verga
a espiga madura.
Negro,
o destino
das espigas ondula.
Negro
ondula
na espiga loira.
E uma canção
sobe feliz
sem relação
com a história.

O que
a canção diz
a seara nega
no ondular
da loira espiga
negra
como
a sorte
de quem semeia.
Cuja
mão rude
será ausente
à colheita.
Terra comum,
fôrça comum,
trabalho
comum
apenas a um
destinado.
Necessidade
comum, a todos
permitida —
— fecundidade
por um apenas
dividida.
Eis porque lento
o vento
ondeia a seara,

desconhecendo
o que embalando
embalara ;
e o negro ondular
da loira espiga
nega
a canção feliz
que alguma voz
ao vento entrega.

A CÉDULA

A PEQUENA cédula
que nos condiciona
custou tantas horas
de suor humano.
Vai de mão em mão
quase já informe:
excessivo uso
de necessidade.
Apertada entre
a palma e os dedos,
pequena bandeira
de pouca esperança,
foi trocada por
certos alimentos
ou urgentes drogas.
Momentâneamente
o calor humano
da morte adiada,
do vazio estômago
um tanto saciado,

da ilusão frágil
de quem a possui,
da lembrança doce
ao coração da amada
nela se concentra.
Cédula comprada
pelo rude esforço
de membros e idéia,
quanto tempo dura
sua humana vida?
Breve se recolhe
ao túmulo frio
do pesado cofre:
viagem suspensa
entre invioláveis
rígidos segredos,
donde sai já suja
de sombrios tramas.
A pequena cédula,
cotação de vida,
quem terá o gesto
para destruir
seu destino torpe
e, em definitivo,
convertê-la em lixo?

EVOCAÇÃO DA PALAVRA CAMPO

PENSO em
campo e em
menino
parado
com olhos
enormes,
abertos
guardando
a distância;
em hervas
rompendo
a crosta
da terra
com fúria,
teimosas,
fecundas
e verdes;
em homens
curvados,
suados,

potentes,
violando
o chão
poderoso;
no ventre
da terra
molhado
de seiva;
na luta
em silêncio
do pão
se construindo;
na fértil
colheita
que o vento
possui
e embala;
no grande
vazio
do tempo
parado,
de terra
despida,
rudeza
de fome
rasgando
os estômagos
e entrando

nos olhos
enormes,
abertos,
guardando
a distância;
nos olhos —
— que vermes
procuram,
formigas
devoram —
— do morto menino.

C A B A L Í S T I C A

DESCE a descida das águas
no leito lento do mundo.
O marulho da viagem
invade o céu taciturno.
O lodo tece mortalhas
no sermos o rio sujo
e a peste secreta tange
rebalhos da morte inúmeros.

Eis porém a encruzilhada
onde o sangue desprendido
soletra a palavra mágica
cujo profundo sentido
filha o cavalo das águas,
que súbito, espavorido,
fincando as patas nervosas
na lástima que tem sido,
salta as barreiras lodosas
rinchando aos céus contundidos
e em verdes pastos compensa
o horror dos dias perdidos.

ODE AO TEMPO

RUDES mãos já sòmente gestos de hábito.
Tardos pés de cansaço sem melhora.
Ventres tímidos e frios sem placenta,
bôcas sem pão, ouvidos sem consôlo.

Rudeza de palavras proferidas,
desprêzo de olhos salgados pela raiva.
A mudez resumindo dura cólera
e o cântico ululante do silêncio!

Do silêncio gerado pelo mêdo,
pela fôrça galgando incontrolada,
pisando as rosas do protesto tímido
e o sangue misterioso das feridas.

Que tempos de viver-se! Quando a fome
é crime, crime o canto e a liberdade,
falso lema de gritos e histerismos,
vai perdendo a beleza que criara

entre as patas e o cântico das balas
assassinas de peitos sem defesa,
como lírios entregues ao delírio
das razões sem razão da força estúpida.

Que tempos de viver-se! Aos sonhadores
despetalaram campos de promessa,
talaram os seus trigos ondulantes,
futuro pão de bôcas libertadas.

Que se fará do canto dos poetas
se a poeira da estrada os enrouquece
e já sequer tolera vozes roucas
quem desmente a poeira das estradas?

Que se fará dos campos e dos homens
se já sequer se pode proclamar
que os campos construídos para os homens
e pelos homens são seus e para todos?

Que se fará dos ventres silenciados?
Que se fará dêste teu povo, América,
desde remotos tempos imolado
a promessas de paz entre espingardas?

Sem pão, sem voz, como mulher traída,
explorada, espancada e desprezada,
que se beija enquanto reproduz
e depois serve apenas para insultos.

Que tempos de viver-se! Apenas fica,
sempre ficou, a débil esperança:
forte olhar de mineiros soterrados,
ternura de mulheres e de vida.

E agora já vai sendo, não apenas
incógnita esperança, mas certeza.
Um rumor vai crescendo dentre o povo
cujos serão enfim a terra e o tempo.

Que tempos de viver-se!, exclamaremos
e o pão já não será simples promessa
quando a manhã romper ruborizada
sôbre as tôrres dos campos de petróleo.

O N A V I O

CIRCUla no bojo do tempo, incógnito e manso.
Seu deslizar nas águas provoca a espuma da noite.
Descerra, súbito, as comportas da surpresa.
Um dia atingirá simultâneamente todos os portos,
parindo nossas bem geradas esperanças
no tempo que ninguém sabe.
Agora sòmente há notícias de estar em viagem.
Seu nome em sussurro é como carícia molhada de estrelas.
Os campos esperam, os teares aguardam, os homens es-
[preitam a sua chegada.
No tempo de excessos, por entre o silêncio, floriu uma rosa.
A rosa preserva a esperança e se chama navio.
Navio que, entre céu úmido e mar constelado,
circula no bojo do tempo incógnito e manso.



INDICE

CANCIONEIRO

| | |
|-----------------------------------|----|
| A Flor de Pedra | 7 |
| Arte Poética | 8 |
| Exercício marítimo | 9 |
| O sono | 12 |
| História | 13 |
| Segunda canção da praia | 15 |
| Soneto corporal | 17 |
| Soneto lírico | 18 |
| Fim de concêrto | 19 |
| A mesa | 20 |
| Soneto abstrato | 21 |
| A porta estreita | 22 |
| Novo soneto lírico | 23 |
| Retrato do pintor Cadmo | 24 |
| Balada do marinheiro | 25 |
| Consideração de aniversário | 27 |
| Canto nupcial | 30 |

ITINERÁRIO DO CORPO

| | |
|----------------------------------|----|
| I | 37 |
| II | 38 |
| III | 39 |
| IV | 40 |
| V | 41 |
| VI | 42 |
| Conclusão para consôlo | 43 |

FLOR DE PEDRA

| | |
|---|----|
| MCMXLVIII | 47 |
| Parábola | 49 |
| Desastre | 50 |
| O intervalo | 51 |
| Agora | 52 |
| A boca | 53 |
| Lamentação do quase ex-príncipe | 54 |
| Retrato do Sancho Pança | 55 |
| Balada do cobrador de bonde | 56 |
| Balada do vagabundo | 58 |
| Farewell da prostituta | 60 |
| Canção | 62 |
| A cédula | 65 |
| Evocação da palavra campo | 67 |
| Cabalística | 70 |
| Ode ao tempo | 71 |
| O navio | 74 |

*bandeira tribuzi,
modesto e laborioso
trabalhador
do setor da poesia
convida o amigo
e os amigos do amigo
para a tarde de autógrafos
que terá lugar quinta-feira,
20, às 17 horas, na
Galeria dos Livros,
quando será vendida sua*

S A F R A